

Desse tempo, aliás, pouca coisa tenho gravada na memória. Os fatos dessa época me parecem longe, muito longe, o que é estranho, porque se passaram somente pouco mais de dez anos. É preciso um grande esforço para lembrar um acontecimento, um dia. Às vezes mais facilmente uma cena, um gesto, um sentimento. Lembro meu aspecto medroso, assustado, ouvindo o barulho de uma escápula no quarto vizinho, intrigada com o que pudesse ser aquilo. Outra vez, a ponta partida de um velho cinto que se quebrou em mim, quando papai me bateu com ele. Lembro-me também de uma alegria quase incontida quando achei uma pedra que me pareceu um diamante.

Aos doze anos terminei com muita dificuldade o curso primário. Depois, foi a batalha para o exame de admissão ao ginásio. Dessa época para cá, quase tudo está muito nítido na minha memória, mesmo o mais recôndito pensamento. Era bem outra que não fosse eu, assim meditativa, taciturna. Pouco freqüentava as aulas particulares desse ano, preferindo vaguar sem a gravidade daquele que é cômico, daquele que se governa. Às vezes, me fazia acompanhar de amigas tagarelas, felizes e despreocupadas, como eu também, e púnhamos a chamar pelos apelidos as pobres figuras populares, ou então a dar apelidos às velhas que encontrávamos, rindo sempre. Tudo, aliás, era motivo de graça para nós. Não raro, eu apanhava um olhar de reprovação, de repulsa mesmo, mas não me importava, andando naqueles bondes, quase sempre da linha Gonçalves Dias ou São Pantaleão, sem compromisso com hora ou afazeres.

No começo daquele ano tinha havido um extraordinário movimento popular contra a posse de um governador que, diziam, não fora eleito pelo povo mas através da fraude. Eu ia, com papai e mamãe, todas as tardes até a praça João Lisboa, onde a população se reunia para ouvir seus líderes e acompanhar os acontecimentos, sem atentar todavia para a importância daquele movimento.

Só aos catorze anos consegui afinal entrar para o ginásio. No Santa Teresa. Colégio tradicional de gente rica. Meus pais eram atentos, querendo tudo de bom para o meu futuro: o melhor colégio, apesar de nossa situação precária, receios pela minha saúde e ensinamentos morais indispensáveis. Eram muito zelosos! Eu não lhes correspondia de todo. Gostava muito deles mas teimava em não fazer o que esperavam de mim, especialmente naquilo que insistiam em que os satisfizesse. Um secreto prazer em decepcioná-los aflorava às vezes.

No primeiro ano ginásial, encontrei as coisas boas que os inícios oferecem. Um colégio enorme de salas amplas e limpas. Professores diferentes da professora, sempre a mesma, do primário, e daquela outra do exame de admissão, que eu achava exigente demais. Também as colegas e todas aquelas disciplinas de conteúdos novos, atraentes.

Na turma eu era, com certeza, a mais velha e, como não esquecia a situação econômica de meu pai, que refletia na nossa situação social, buscava compensar essa inferioridade com a possível vantagem que a minha idade pudesse oferecer diante das colegas. Mas que nada: como eu era franzina,